



Cecilia T. Rodríguez\*

## Problemáticas atuais: a infância transgênero

Há alguns meses, chocou-me profundamente a capa de um exemplar da revista *National Geographic* (National Geographic Society, 2017). Nela aparece um grupo de pessoas – crianças e adolescentes – no qual unicamente um deles conserva a identidade de acordo com o corpo com o qual nasceu. Os argumentos dessa revista tão popular, que se acrescentaram ao que se começou a chamar de a “revolução do gênero”, sustentam explicações biológicas nas que se propõem supostos erros na natureza.

Minha inquietação em relação ao assunto acentuou-se quando, em uma escola de minha vizinhança, ao se reiniciar o ciclo escolar, um casal solicitou o apoio dos professores para poder matricular seu filho de sete anos como filha. É necessário considerar o efeito desse tipo de solicitação na comunidade a que pertencem, nesse caso, professores, colegas e pais de família, motivo pelo qual considero que o assunto convoca, não só a partir da intimidade de nossos consultórios, mas também como parte de uma cultura na qual os movimentos sociais vão esgrimindo novas legalidades. Situações como essas nos colocam diante de problemáticas – nesse caso, infantis e adolescentes – frente às quais, indubitavelmente, se requer da perspectiva psicanalítica que amplie a visão sobre o que, em forma dialética, parece estar surgindo tanto como efeito da cultura contemporânea, quanto como produzindo, ao mesmo tempo, as particularidades dos discursos atuais, dignos de um novo capítulo que poderia continuar a *História da sexualidade*, escrita por Foucault (1976/2008).

Sem dúvida, esses casos de mudança de identidade e intervenções no corpo em idade precoce abrem novas vias ao pensarmos em

*Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (Freud, 1925/1976b), *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1976a) e outros textos de Freud escritos em uma época em que a simples ideia de “construir” o corpo na medida do desejo, ou da realidade psíquica de quem “o habita”, era difícil de conceber. Não cabe aqui mencionar a diversidade de trabalhos psicanalíticos que foram escritos sobre o tema desde então, estendendo a compreensão do *polimorfo*, entendido aqui como as múltiplas formas no leque de possibilidades que estão em termos identidade de gênero e encruzilhadas do desejo. Leque que, a partir do movimento *queer*<sup>1</sup>, foi conseguindo, não só a legitimação, mas também um questionamento importante em relação à ordem binária e falocêntrica de nossa cultura, e que, sem dúvida, antecede o que hoje em dia dá espaço à multiplicação de casos nos quais são crianças e adolescentes os que estão sendo *apoiados* em transformações derivadas de sua convicção de estar em um corpo que não corresponde à identidade na que eles se reconhecem.

Então, como repensar hoje tudo o que se sustenta a partir da diferença sexual anatômica como base de mecanismos de negação (*Verleugnung*), rejeição (*Verwerfung*) e repressão (*Verdrängung*), sem engessar nossa escuta a essas demandas *trans* em modelos de estrutura psicopatológica que obstruem a experiência do encontro do que configura a trama (ou o drama) sobre o qual cada ser humano tece sua existência? A perspectiva atual que nos impulsiona a, incessantemente, seguir reformulando nossos paradigmas, inseridos em contextos de época de revoluções de todo tipo, (sociais, políticas, científicas, sexuais)

\* Asociación Psicoanalítica de Guadalajara.

1. Judith Butler é importante representante desse movimento que nos 80 começou a questionar a heretonnormatividade.

nos convocam também a uma *re-evolução* teórica que nos permita uma maior compreensão frente às problemáticas de nosso mundo atual, devido a que estas tramas infantis, familiares, transgeracionais e transculturais requerem que sigamos fieis ao movimento subversivo da psicanálise que se afasta de qualquer forma de “ortopedia”, aliás permanece aberto a uma pesquisa constante, que nesses casos faz pensar nos avatares dos processos de subjetivação.

Eu me pergunto o que realmente pede uma criança que diz querer mudar de sexo. Com as crianças não há algo que poderia ser atribuído à “confusão de línguas” de Ferenczi (1932/1984), quanto à diferenciação entre criança e o adulto? Se a lógica da sexuação faz da ordem das identificações e do desejo a ponta do iceberg da configuração psíquica, aquela que para a histérica deixava aberta a pergunta – “sou homem ou sou mulher?” –, não posso deixar de questionar o que nessas crianças se constrói como *certeza* do feminino ou masculino a ponto de viver o que aparece como disformia. Parece-me interessante pensar o trajeto proposto por Aulagnier (1975/2007), do que acontece entre o pictograma e o enunciado e também não posso deixar de pensar em todas as linhas teóricas que abordam os processos de simbolização na subjetivação, e a incidência de suas falhas no que dá suporte à existência de cada um de nós.

O transexual que finalmente faz a mudança de corpo, já adulto, sem dúvida poderá dar conta de sua história infantil e adolescente, mas a incidência desses processos em menores de idade leva a pensar na situação a partir de outras perspectivas, e, sem dúvida a escuta analítica só poderá dar conta de caso por caso frente às angústias, às dúvidas e aos conflitos das meninas e meninos e suas famílias implicadas. Mas devem saber que existe esta possibilidade.

Não posso em poucas páginas me aprofundar em um tema que tem múltiplas variáveis. Por enquanto penso nos efeitos da angústia e sua incidência, no que pode tomar o corpo da criança como um terreno onde se configuram desejos, projetos de identificação, possibilidades ou déficits de simbolizações, medos e os fantasmas derivados do insolúvel da sexualidade. Nada novo para um psicanalista. Isso sabemos, mas o que tento apontar é a grande tarefa

para todas as iniciativas da psicanálise implicadas na comunidade e na cultura, de abrir espaços para a compreensão do que ultrapassa em muito, o que em um grande setor da população parece estar ficando apenas como um assunto da ciência, da biologia e do direito. Já na intimidade de nossos consultórios, poderemos escutar, caso por caso, o que sustenta a vida de quem fala *de e a partir de* seu corpo.

## Referências

- Aulagnier, P. (2007) *La violencia de la interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1975).
- Foucault, M. (2008). *Historia de la sexualidad*. Buenos Aires: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1976).
- Ferenczi, S. (1984). Confusión de lenguas entre los adultos y el niño. El lenguaje de la ternura y de la pasión. Em: F. Aguirre (trad.), *Obras completas* (vol. 2). Madri: Espasa- Calpe. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (1976a). Tres ensayos de teoría sexual. Em: J. Etcheverry, *Obras completas* (vol.7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1976b). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. Em: J. Etcheverry, *Obras completas* (vol.19). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925).
- National Geographic Society*. (2017). Género, la revolución. Vol. 40, Número 1.